TL7171

Cmdte Xanana Gusmão
Presidente do CNRM
Cmdte-em-Chefe das FALINTIL
na Prisão de Cipinang
Jacarta

20.Agosto.1995

Carissimo Irmão,
Comandante Xanana,

Um abraço amigo com votos de saúde e longa vida. Escrever para a prisão é um exercicio penoso: a alma resiste a escrever questões de "partir o coração" para dentro desse mundo já de si tão profundamente anti-humano. Mas é nossa opção estarmos consigo, solidários na sua e na nossa luta, e por isso lhe escrevemos. Não simplesmente porque devemos escrever-lhe, por obrigação moral, para nos comunicarmos consigo sobre questões da luta, mas também para lhe dizer que estamos consigo nas duras situacoes que a luta exige, de uma forma particular, depois do "All-Inclusive Intra East Timorese Dialogue" na Austria.

Antes de mais nada, queriamos agradecer a sua resposta a uma carta anterior. Obrigado pelo seu conteúdo pelo qual nutrimos profundo respeito e que nos anima também a prosseguir o combate.

Como foi um desejo manifestado na sua carta, a Fretilin e a UDT receberam cópias da proposta. Soubemos tambem que num encontro em Lisboa entre RH (pelo "CNRM"), a Fretilin e a UDT (Conferência da Resistencia Timorense: 27 a 30 de Março de 1995), assentou-se uma nova plataforma de "entendimento": o nome desse "entendimento" é CCFD (Comissão Coordenadora da Frente Diplomática) em que participam o "CNRM", a Fretilin e a UDT (ver Anexo 1). Segundo RH, em Agosto de 1993, ja entao se criou uma Comissão Coordenadora para a Frente Diplomática tendo RH como Coordenador, englobando a Fretilin e a UDT.

O porque desta segunda carta: esta nova CCFD falhou à partida porque alimenta a ilogicidade que se pretende remediar: o "CNRM"[1] conjuga-se com a Fretilin e a UDT numa plataforma que se chama a CCFD. A dita Conferência da Resistencia Timorense deliberou: "institucionalizar a CCFD como Orgão máximo da Resistência no plano externo da luta, integrando o Presidente da UDT, João Carrascalão, o Representante Especial do CNRM, J. Ramos-Horta, o Chefe da delegação Externa da Fretilin, José Luis Guterres e o Secretario para as Relações Externas da Fretilin, Mari Alkatiri, Zacarias Costa, Chefe do Departamento de Relações Externas da UDT".

Assim temos institucionalizado o "CNRM" como um partido. O "CNRM" já não é o órgão maximo da Resistência (no exterior): o "CNRM de fora" é teoricamente substituido pela CCFD e integrado na CCFD. Mas neste momento em que escrevemos, a CCFD não conseguiu ainda apresentar-se, ou impôr-se na prática real, como "órgão máximo". Mas se se tivesse imposto, a base seria uma dupla ilogicidade.

Tudo isto parece bom exercício teórico de ensaios muito tímidos de coerência e, se se nos permite, de seriedade política. Talvez o drama diário do nosso Povo pudesse merecer mais do que simplesmente isto. Esta carta é mais um esforco de fomentar "ideias claras e distintas", dirigida com todo o respeito devido, à legítima Liderança Máxima da Luta Nacional, o Cmdte Xanana Gusmão, que, com mais dados provenientes de outras e varias fontes, detém a obrigação moral e política de decidir sobre o curso de accoes a tomar, para salvaguardar os objectivos fundamentais do projecto nacional Timorense, porque em última analise, é este projecto que está em jogo.

O material que constitui este relatorio informativo e crítico é conhecimento possuido e público da diáspora Timorense, inclusive dos partidos 'políticos, conhecimento que é articulado de várias formas, algumas mais simples, outras mais ou menos sofisticadas.

Esta reflexao crítica baseia-se fundamentalmente nos factos da ilogicidade política e estrutural da organização da frente diplomática, que óbviamente acarretam problemas, e que afectarão o coração do projecto nacional Timorense, a curto e a longo prazo.

I. PORQUE REORGANIZAR?

Antes de mais nada, existem duas opções:

1. Apoiar o status quo: RH é Co-Presidente do CNRM, Rep. Especial do CNRM (o facto de ser Co-Presidente do CNRM no estrangeiro, retira a razão de ser a este cargo de Rep. Especial do CNRM) e Rep. Pessoal do Cmdte XG. Com todos estes cargos, RH detém toda a representação e toda a representatividade politico-diplomáticas da Resistência Nacional Maubere.

2. Reorganizar: fazer da representação diplomática da Resistência Nacional Maubere no exterior, o espelho humano e político da realidade da unidade nacional no interior. Os motivos, de grande alcance, para a reorganização, são numerosos.

1. OPÇÃO PELO "STATUS QUO" - as implicações são:

1.1. RH mantém-se Co-Presidente do CNRM, Representante Especial do CNRM e Representante Pessoal do Cmdte XG, enquanto Comandante das Falintil (Mensagem de NKS, 12.11.93). A Frente diplomática do CNRM não é uma estrutura: é um individuo (basta ver o folheto informativo do CNRM, onde para a frente diplomática, não figura uma estrutura, mas o nome de um indivíduo, "Ramos Horta").

1.2. Como tem vindo a acontecer, a propaganda surreptícia contra membros das outras legítimas representações diplomáticas, nomeadamente da Fretilin, vai continuar e talvez intensificar-se, no exterior (sobretudo na Australia), envolvendo a chefia nacional. Os resultados podem ver-se sem lentes grossas: até o Secretário do CDF parece abdicar das suas responsabilidades morais e políticas de Secretario do Comite Directivo de um partido, que, apesar dos erros cometidos, desde 1975 até hoje, mostrou fidelidade e coerência para com os princípios de defesa do ideal nacional maubere, e que é partido-membro do CNRM. A mensagem de NKS para o 18.o aniversário da invasão é pertinente a esse respeito: nessa mensagem ele explica magistralmente o papel da Fretilin.

Mas práticamente entrega a solução do problema de Timor Leste ao individuo RH, porque, para o NKS "RH é o unico que pode solucionar a questão". NKS deve ter-se esquecido de XG, da UDT, Fretilin, e (talvez fosse bom não esquecer), da Igreja Católica. Não há solução que não passe através da unidade de todos os Timorenses.

1.3. A estrutura do "CNRM de fora" é a estrutura de mais um partido Timorense.

Em Janeiro de 1994, o "CNRM" estava assim estruturado:

1. Conselho de Personalidades Eminentes (CPE): "equivalente a um Conselho de Estado".
"Fazem parte o Prof. Fernando Sylvan (falecido), Alexandrino Corte Real, Dra. Pascoela Barreto, Dr. Policarpo Pina, Engo. Filomeno Andrade, etc. O recrutamento prossegue".

2. Co-Presidente do CNRM e Representante Especial do CNRM

2.1. Assistente Especial do Co-Presidente do CNRM: Agio Pereira
2.2. Gabinete Executivo do Co-Presidente: Agio Pereira e Juan Federer, ex-diplomata chileno casado com uma Timorense, Céu Lopes).
2.3. Projectos Especiais: Agio Pereira e Juan Federer
2.4. Comissao para angariacao de fundos: Agio Pereira, Juan Federer, Abel Guterres, Khoneng Lay
2.5. Media & Communications: Margherita Tracanelli (Aust)
2.6. Conselheiro Jurídico: Martin Hardi (Aust)
2.7. Consultora para Direitos Humanos: Alessandra Aula (Aust)

3. Departamentos Especializados

3.1. Administração e Finanças: Juan Federer
3.2. Relações Internacionais: Juan Federer
José A. Gusmão para todo o Sudeste Asiático (vive em Darwin), Abel Guterres para a Austrália e Nova Zelândia, Constâncio D.Pinto para os EUA e as Nações Unidas, o Abel Barreto para o Canadá, o Eng.o Luis Cardoso para Portugal e

o José Amorim Dias para toda a CEE. Em Janeiro de 1994 havia elementos indigitados para as ilhas do Pacifico Sul e para o Japão, mas não estao a funcionar. Os indicados para essas funções eram Lúcia Corte Real e José Evaristo Madeira.

Estes seis representantes diplomáticos e os três elementos que são Assistentes Especiais e formam o actual Comité Executivo são credenciados pelo Cmdte XG. Os Assistentes Especiais do Representante Especial do CNRM, e que formam o Executivo do Dr. Ramos-Horta são: Constâncio D. Pinto (por acumulação), Pascoela Barreto e Agio Pereira. Sao Assistentes Especiais e formam o Executive Office do RH. Mas no documento-credencial em que estes elementos são nomeados representantes do CNRM, reproduzido até no livro de Xanana Gusmão (1994), não estão mencionados os verdadeiros "elementos-chave" do "CNRM".

3.3. Relações Comunitarias: Engo. Filomeno de Andrade
[Melbourne: Khoneng Lay; Brisbane: Titik Corte-Real; Darwin: Jose Gusmao; Lisboa: Pascoela Barreto]
3.4. Educação e Cultura: Alice Branco
3.5. Informação e Documentação: Inês Almeida

A prática sugere que algumas credenciais do CNRM são passadas pelo Cmdte XG em pessoa, outras credenciais são tambem do CNRM, mas passadas por RH (nas suas capacidades de Co-Presidente do CNRM, Representante Especial do CNRM e Representante Pessoal do Cmdte XG).

1.4. Os fundos oferecidos para a Resistência Timorense como um todo agrupado no CNRM e angariados em nome de toda a Resistência Timorense, são administrados e utilizados exclusivamente pelo "CNRM".

1.5. Os representantes do "CNRM" são "respeitados", não pelas suas capacidades humanas e politico-diplomáticas, mas porque tem uma credencial passada pelo Cmdte XG. E a justificação parece ser, que esses jovens credenciados são testemunhas do sofrimento, e que sofreram muito! Como se outros Timorenses não tivessem sofrido!

Não basta o "sofrimento", porque no trabalho diplomático não basta extrair compaixão e pena dos nossos interlocutores.
Houve um desses jovens que testemunhou, algures na Europa, na sua capacidade de representante do "CNRM", que esteve cinco vezes na prisao: a verdade e a honra dos martirizados prisioneiros Mauberes seja salva - seja dito, aqui, pelo menos aqui, que ele nunca esteve na prisão, em nenhuma prisão. Diz-se que outros Timorenses no exterior não querem trabalhar: o que não querem é entrar para o meio de uma grande confusão managerial e política, e muito menos ser manequins.

1.7. Credenciais colocam o Cmdte XG em posição políticamente muito vulnerável. Pode-se legitimamente lastimar o uso que delas se faz. Senão vejamos: O Cmd.te passa credenciais aos representantes do CNRM. Os diplomatas nomeados para representar o CCFD nos assim-chamados pontos-chave, substituem ou não substituem os representantes credenciados pelo Cmdte XG? Ou tornam-se duas representações paralelas? Este é o caso do José Amorim e do Zacarias para Bruxelas (CEE), idem para o José Luis Guterres e Constâncio Pinto para a ONU e para os Estados Unidos; idem para o Roque Rodrigues e o Luis Cardoso para Portugal; idem para o Domingos Oliveira e o Abel Guterres para a Australia.

1.8. É sintomatico das ambiguidades, o Comunicado N.o 1 do CCFD que quer "salientar para conhecimento geral" dois pontos: o primeiro concerne a institucionalização do CCFD, "como órgão máximo da Resistência no plano externo" com cinco membros; o segundo "A Representação Unificada de Timor Leste (em substituição de qualquer representação partidária) em áreas consideradas de vital importância para a questão de Timor Leste".

Para as quatro áreas identificadas como de "vital importância", Portugal, Austrália, USA e ONU, e Bruxelas (CEE) - foram "nomeadas as seguintes individualidades (sublinhado nosso)", dois da UDT e dois da Fretilin.

A definição permite entender que,

primeiro: as representações diplomáticas em áreas não abrangidas

nesta definição, como Angola (representação diplomática da Fretilin), Moçambique (representação diplomática da Fretilin), Canadá (A.Barreto, representação diplomática do "CNRM") e Sudeste Asiatico (José A. Gusmao, representação diplomática do "CNRM"), poderão continuar a ser consideradas "partidárias";

segundo: certos paises são considerados de menos "vital importancia", como é o caso de Angola e do Sudeste Asiático, para não falarmos do Japão. A expressao é pouco diplomatica!

terceiro: as representações nestes países continuarão partidárias, até serem extintas ou até serem "unificadas" caindo dentro da competência do CCFD? E se tal é para um futuro próximo, quando será isso? Outra questao é se o CCFD pode concretizar uma representação unida da Frente Diplomatica, em todas as formas da batalha diplomatica.

Será necessário recordar que o carácter das nossas representações, não é apenas para "representar" uma luta que decorre longe, algures entre o fim do Sudeste Asiatico e a Austrália, em Timor Leste, mas para travar um combate, diplomático no seu conteúdo, uma luta que se deve organizar para conseguir os objectivos traçados? E que para isso é necessário estarmos bem organisados, para definirmos objectivos, planos, estratégias, recursos, métodos de trabalho comum? A situação da luta diplomática exige uma frente única para coordenar esforços para enfrentar o único inimigo comum.

2. OPÇÃO PELA REORGANIZAÇÃO - as implicações sao:

2.1. A CCFD atribui-se competências para "criar novas comissões especializadas ou órgaos consultivos, abrir e/ou encerrar representações diplomáticas de Timor Leste, sempre que as exigências da luta assim determinarem". Como se encaixa a instituição das Credenciais do Cmdte XG nestas competências ou como se encaixam estas competências no mecanismo das credenciais? O problema não é a CCFD: o problema é o "CNRM".

2.2. Existe uma Comissão de estudos nomeada pela CCFD, presidida pelo Mari Alkatiri, para proceder à reorganização. A CCFD

preconiza "dotar a Comissão de meios capazes de permitir que os seus responsáveis possam cumprir as tarefas a eles atribuídas"; esta Comissão ficou encarregada de estudar "as formas conducentes à edificação de um corpo externo totalmente unificado" e "tendo como base as diferentes componentes da Resistência, capaz de representar plena e eficazmente o Comando da Luta e o Povo de Timor Leste"; o CCFD resolveu "conferir ao responsável da comissão de estudos [Mari Alkatiri] todos os poderes para definir as áreas de intervenção e alocar os quadros em cada área, bem como solicitar ou requerer apoios e contribuições de especialistas timorenses ou estrangeiros para o mais cabal andamento dos trabalhos". Isto há quase cinco meses!

2.3. Como foi observado no inicio desta carta, a CCFD está viciada pela participação do "CNRM". A CCFD quer agora fazer o que o RH devia ter feito quando recebeu o mandato de reorganizar e reajustar a Frente Diplomática da Resistência Nacional.

A CCFD poderia fazê-lo só a partir de um pressuposto histórico, lógico e político, que é a abolição do "CNRM Diplomático" enquanto "partido" do RH, que assim deveria deixar de existir enquanto entidade: a CCFD, deveria ser composta por elementos da FRETILIN, da UDT e Independentes (entre os quais se destaca eminentemente a figura de RH, e muitos outros). Só então poderia ser a genuina REPRESENTAÇÃO DIPLOMÁTICA DO CNRM (tal como o CNRM foi pensado pelo Cmdte XG). Enquanto este pressuposto não for realizado o CCFD é a ilogicidade ao quadrado.

Disto estava bem consciente o jornalista português do SEMANÁRIO de 01.04.95 que escrevia:

"Os dirigentes das três facções (sic!) da Resistência timorense deliberaram após uma maratona de reuniões, entre segunda e quinta feira, em Lisboa, reforçar a estrutura da CCFD, criando entretanto comissões especializadas. Trata-se de um instrumento unificador da resistência no exterior com o intuito de não haver divergências de posição face às instâncias internacionais e que vinha sendo um problema grave que as formações da resistência vinham enfrentando...A unidade poderá estender-se no futuro à

integração de todas as forcas políticas de resistência timorenses no Conselho Nacional da Resistência Maubere sob a liderança suprema de Xanana Gusmão" (sublinhado nosso).

O jornalista entendeu bem. No interior a unidade de todos no CNRM é um facto: no exterior "a unidade é um sonho". Todos no exterior deviam ser integrados nas estruturas formais do CNRM.

2.3. A representação externa deveria representar e reproduzir o dinamismo do interior: se no interior todos estão integrados no CNRM, no exterior, com muito mais razão, assim deveria ser. E quando se diz "todos", não se fala de individuos, mas de estruturas políticas e diplomáticas, portadoras de propostas animadas pelo mesmo espirito nacionalista Timorense.

Os representantes dos partidos são-no legitimamente, e as suas representações, legítimas e assistidas pelo direito.
Historicamente, precedendo o CNRM, as representações partidárias representavam (e representam) os interesses do Povo Timorense no exterior. Ou aprendemos a fazer democracia, ou voltaremos a 1975.

II. OS FACTOS

1. O CNRM foi criado por XG para ser uma estrutura nacional e por isso mesmo, uniu e unificou os Timorenses. A ideia vem de longe, desde os dias da Política da Unidade Nacional, sob vários nomes que se foram transformando sucessivamente à medida que as etapas da luta progrediam para uma maior sintonia nos objectivos da luta comum contra o inimigo único.

2. O XG uniu o Povo de tal modo que, inversamente o Povo se uniu em volta dele. No interior não houve problemas de internalização do novo sistema: todos os Timorenses de todos os partidos estão unidos na luta contra o invasor. O CNRM não significou nem eliminação, nem abolição dos partidos políticos enquanto tais. Era e é sim uma estrutura nacional, onde todas as forcas convergem para um objectivo comum, libertar a Pátria Timor.

O facto de XG sair da Fretilin coloca-o em posição *super partes* para melhor exercer uma missão nacional. Este seu acto promove a exigência fundamental da luta, isto é, servir a Pátria, unindo e unificando os Timorenses.

O Cmdte XG é respeitado, se nao queremos dizer, venerado: responsáveis Timorenses no exterior sabem ou imaginam que este estado de coisas não seria bem o que o Cmdte XG gostaria de ver, mas sabendo que toda a actividade do RH apela continuamente para a pessoa mesma do Cmdte XG, preferem ir torneando os obstáculos provocados por RH e continuar trabalhando "ate que o Cmdte XG chegue a saber da realidade cá fora". Agora temos mais o CCFD.

3. Por força das circunstâncias, RH tornou-se o homem de quem XG pode dizer a certa altura, que era da sua confiança. Não vamos aqui analisar todo o processo psicológico e político dessa decisão política. Não se pode negar - seria absurdo, inhumano, anti-histórico, anti-ético, e políticamente estúpido - que RH desenvolveu imensos contactos diplomáticos; que levou a cabo imenso trabalho de esclarecimento, informação e lobbying diplomático; que ao longo de mais de vinte anos batalhou por um Timor Leste livre (certamente outros diplomatas Timorenses também o fizeram). RH lamenta-se - não é o único! - da apatia de muitos conterrâneos no exílio, de incompreensões e ma-fé, e "críticas destrutivas de alguns". "Nos últimos vinte anos tive umas poucas semanas de descanso. Não tenho casa nem carro. As poucas economias vou-as esbanjando nas intermináveis viagens pelo mundo, muitas vezes pagando eu as despesas de viagem" - assim escrevia RH em Fevereiro de 1994. Depois de vinte anos, é justo e imperioso encontrar uma saída para estes problemas da Frente Diplomatica.

4. O Cmdte XG identificou-se no RH, ou mais correctamente, RH foi-se "identificando" com o XG que incarna o CNRM. Mas houve um desvio político e funcional: surreptíciamente inicia-se um processo de totalitarização do "CNRM", que representa tudo exclusivamente, e para "totalizar" usa abusivamente do nome do Cmdte XG e da Frente Armada (da qual o Comite Directivo da

Fretilin é componente), ao mesmo tempo que exclui formalmente a Fretilin e a UDT das estruturas do CNRM no exterior.

5. Perante mensagens de XG ou de NKS (Secretário do Comité Directivo da Fretilin) endereçadas aos delegados no exterior, reforçando RH nas suas funções triplicadas, a Delegação Externa da Fretilin e a UDT não têm muita margem para manobras. Surgem slogans "transmitidos para o estrangeiro", tais como "devem submeter-se ao querido companheiro Ramos Horta", "devem submeter-se ao CNRM". Estes slogans são produzidos até pela própria CDF no interior. Este estado de coisas revela que não se entendeu o que é o CNRM na sua substância; é dancar à musica da propaganda, que se chama desinformação e boicote.

6. A representação diplomática da resistência no exterior é constituida pelo "CNRM" (que exclui a Fretilin e UDT) e pela UDT e Fretilin que mantêm as suas representações paralelas; com uma campanha insistente do "CNRM" a dizer que elas já não existem em Timor Leste, nada se busca senão o totalitarismo da "CNRM", como se os outros não fossem Resistência. Se a Resistência no interior é o CNRM (em que está integrado°CDF, as Falintil, e todas as forças sociais independentes), no exterior, o CNRM Diplomático é Resistência se incluir os partidos na sua máquina. Não porque os da Fretilin e da UDT sejam apenas "cabeçudos na busca desenfreada de poder". O mesmo se poderia dizer de quem quer que esteja em política (RH jura que não deseja nem aspira a nada a não ser a demissão!). É normal que o poder - como a lei - é um elemento essencial da politica, que é ligado à natureza contingente dos dados políticos.

7. Não é "fora de horas" um apelo ao equilibrio e à moralidade política, por outras palavras, sentido de responsabilidade. O abuso do poder anda sempre de mãos dadas com a mentira, e esta é inimiga da verdade. Ora a verdade é irma da inteligência. Logo, lógica muito simples, a mentira é inimiga da inteligência, do bom senso, do equilíbrio, e por implicação, é inimiga da unidade, do diálogo e do debate político.

8. Para certos sectores do "CNRM" no estrangeiro, a Fretilin já não existe no interior. E procuram fomentar essa "realidade" junto dos organismos de solidariedade.

9. Os fundos angariados em nome da Resistência são exclusivamente usados por RH e pela sua equipa ("CNRM"). [Seria muito interessante saber como é que o José Luis Guterres vai começar a desempenhar a sua função de responsável pelas finanças da Resistência Timorense na estrutura do CCFD].

10. Em resumo: não é lógico - vistas a matéria e a forma do CNRM - pedir apenas "submissão total ao CNRM", "submissao total ao querido companheiro RH". No mínimo isso é desinterpretar o CNRM que deveria unificar todos os Timorenses nesse Conselho que é, por natureza, nacional. E para mais, ajuda a cultivar a "cultura do manequim" politico.

11. Além disso é certamente incomodo para muitos, ver que o "CNRM" mantém laços tão estreitos, quase afectivos, com elementos e grupos da assim chamada "oposição indonésia", e guerrear viril e destemidamente os seus irmãos da Representação Diplomática da Resistência Timorense. Maior confusão entre os Timorenses é música para os Indonésios; quanto mais colonizados forem os Timorenses nas próprias estruturas da sua própria luta pela libertação, melhor para as colunas satíricas indonésias.

III. PERSPECTIVAS DE REALISMO POLÍTICO

A história tem provado em muitas ocasiões que a concentração excessiva de poderes num só indivíduo gera como consequência imediata o autoritarismo e o abuso de poder, sobretudo naqueles individuos que se acaparam do poder, não por autoridade pessoal, mas por manobras políticas, corrupção e pragmatismo.

1. A crise estrutural da Representação Diplomática da Resistência Timorense agravou-se ainda mais com a decisão unilateral do RH de criar representações diplomáticas do "CNRM", <u>com credenciais do CNRM</u>, assinadas pelo Cmdte XG:

1.1. Primeiro: os representantes diplomáticos dos partidos políticos pre-CNRM desde 1975 viram-se assim colocados em posição anormal: não estavam nas estruturas da Representação Diplomática do CNRM, que devia representar toda a Resistência; não receberam credenciais do Cmdte XG; e todavia eles representavam os partidos da Resistencia Nacional; o que fizeram - e sábiamente - foi cada um manter-se (ainda que "silenciados" ou relegados a um segundo lugar) nos seus postos;

1.2. Segundo: as credenciais colocaram o Cmdte XG em "contradição interna". O Cmd.te afirma, por escrito, que o CNRM integra as forças políticas (não individualidades) Timorenses e outras forças sociais e independentes. O grosso da substância são os partidos. Posteriormente assina credenciais de representantes do CNRM em que os partidos não são formalmente representados nas estruturas e nas representações do CNRM no exterior.

É óbvio que os que "trabalham para o CNRM" e que também (ou todavia) se confessam membros da UDT ou da Fretilin, estão nas estruturas do "CNRM" como individualidades que, ainda que altamente eminentes, não representam os "seus" partidos.

2. Toda esta cantilena infeliz e monótona baseia-se na importância, actualidade e urgência da Política da Unidade Nacional (1982), que é o marco fundamental para entender o processo político e os horizontes da Resistência Nacional Timorense, para projectar o futuro.

Porque tudo isto no exterior? Fundamentalmente por duas razões:

2.1. Primeiro, a exclusão estrutural dos partidos políticos das estruturas da Representação do CNRM no exterior.

Por natureza, os partidos são os corpos históricos dos interesses do Povo Timorense na sua totalidade. Os Partidos políticos são unidades dinâmicas da consciência nacional, com a função específica de manter acesa a luta pela identidade e independência nacionais. Estas forças políticas estão em clandestinidade na Pátria ocupada.

Contudo existem canais permanentes de contacto e de proliferação de ideias e de força das respectivas formações políticas, tanto no interior como no exterior de Timor Leste. O respeito pela existência destas organizações é fundamental para a criação de um ambiente de tolerância e de democracia, que todos consideramos importantes para realizar a unidade e preparar o futuro democrático. Não pode haver unidade sem democracia. Em política podem-se e devem-se unir unidades distintas: senão teremos o temido totalitarismo, que é uma "unidade" totalitária.

2.2. Segundo, a centralização e concentração de poderes num indivíduo, que é simultaneamente Co-Presidente do CNRM, Representante Especial do CNRM e Representante Pessoal do Cmdte XG (que é Presidente do CNRM e Cmdte-em-Chefe das FALINTIL).

Simbolicamente XG e CNRM sao uma e a mesma coisa porque falar do CNRM é falar do Cmdte XG e vice-versa. Seguindo esta logica simbólica, RH como individuo (=FD) representa a totalidade da Resistência. O Cmdte XG deposita nele "toda a confianca". Poderá isto significar que XG não depositaria confianca nenhuma nos "outros" diplomatas Timorenses, que também existem politicamente (e legítimamente) mas que não são (seus) representantes especiais?

O Cmdte XG, Lider Nacional, Simbolo da Resistencia e Lider *super partes*, poderia unir todos os Timorenses (individuos e estruturas) no exterior como companheiros de luta; neste estado actual das coisas, o perigo seria assistir, a curto ou a longo prazo, a exclusão, a deslegitimação dos representantes dos partidos e a obliteração da prática democrática no mapa político Timorense.

No vazio prático-estrutural que se seguiu à formacao do CNRM - formado inicialmente no interior - era natural que se indicasse alguém para reorganizar o trabalho diplomático fora do país. Na mensagem de 10.10.92 o Cmdte XG dizia: "Entrego ao companheiro Ramos-Horta toda a capacidade de debater e proceder ao reajustamento da representação do CNRM, numa estrutura que contemple todas as forcas políticas da sociedade timorense e demais interessados e os obrigue ao compromisso de <u>servir a Pátria acima de tudo</u>" (sublinhado nosso).

O CNRM não estaria portanto, nem a equiparar-se à Fretilin, nem à UDT, porque os engloba (não a UDT, por enquanto), e muito menos a opor-se-lhes. A missao de RH estava claramente definida. Uma vez cumprida a missão, cessaria a "Representação Especial" e por inerência a "Representação Pessoal". Essas missões têm um prazo, não são indefinidas, nem no tempo, nem na substância. Mas, concedendo que esses dois titulos são uma missão especial, que não tem definição de tempo mas apenas de substância, e que depois de cumprida a missão inicial de reajustar a representacao externa do CNRM, transformar-se-iam num posto político-diplomatico, deveria ao menos clarificar-se, por meio de um estatuto, ou de algumas linhas mestras de accao, o papel de todos e de cada um: o papel do Co-Presidente do CNRM, representante especial do CNRM/representante pessoal do Cmdte XG e o papel dos outros membros da representacao externa do CNRM que RH deveria ter "reajustado".

Nada disto aconteceu. Se isso tivesse acontecido, não teriamos um folheto de propaganda do "CNRM" a circular, pelo menos na Australia, que mostra como no exterior não existe uma estrutura (uma Frente Diplomatica), mas uma individualidade: Ramos Horta, a face da diplomacia timorense (ver Anexo 2). A Frente Diplomatica chama-se Ramos Horta. Mas Burg Schlaining, em Junho de 1995, negou-lhe esse estatuto personalizado.

3. A CCFD só poderá funcionar como "órgão máximo da Resistência no plano externo, quando o partido fantasma "CNRM" que integra a CCFD desaparecer, e na prática, passar a gestão das estruturas nacionais no exterior, inclusive a administração da estrutura logístico-financeira ou dos fundos angariados em nome da Resistência, ao controle real da Resistência no seu todo. Essa estrutura diplomática deveria ser legitimada pelo verdadeiro espirito do CNRM, e que deve ser necessariamente sancionada pelo Cmdte XG. Só então é que a CCFD (sem o "CNRM" da versao Horta) poderá ser a verdadeira Representação Diplomática do CNRM.

Mas não acabam aqui os nossos ais! Segundo o relatorio do andamento da Conferência da Resistência em Lisboa (27-30/3/95)

o Presidente da UDT "colocou algumas questões sobre o exercício das funções de Líder, por XANANA, tendo em conta a sua actual situação de prisioneiro. Por outro lado, dizia/salientava o facto de a UDT não estar integrada no CNRM. Assim para o Presidente da UDT - o Sr. Eng.o J. Carrascalão - XANANA é Simbolo Nacional, Lider Maximo do CNRM mas não é Lider da Resistência. Foi proposto pelo Representante Especial do CNRM - Dr. Ramos Horta - que os Dirigentes da UDT no interior, contactassem Konis Santana no sentido de estudarem a integração das estruturas da UDT no CNRM". E sabemos mais ainda que a UDT não aceita o termo "Maubere" no apelativo CNRM.

1. Quanto ao nome "Maubere" não existe falta de vontade política para o "arquivar". O discurso do Cmdte Xanana endereçado à Conferência de Parlamentares em Lisboa, no fim de Maio de 1995, é bastante claro. Far-se-á tudo pela Unidade Nacional: se é um apelativo que poe em causa a Unidade Nacional, para se conseguirem os objectivos nacionais do Povo de Timor Leste, esse apelativo ficará arquivado. Existe vontade politica para isso: a Fretilin e as Falintil (que levaram aos ombros o estandarte político-militar e diplomatico dessa expressão) sentir-se-iam, sem dúvida, representadas na atitude e nas palavras do Cmdte XG, quando ele afirma que o CNRM poderia vir a chamar-se CNRT.

2. Mas há mais do que isso: estará a UDT pronta a integrar o CNRM ideado pelo Cmdte XG? O CNRM está fundamentalmente aberto a essa eventual candidatura da UDT para se integrar no CNRM. Porque razão a UDT não se candidatou ainda à "membership" formal do CNRM no interior, aceitando simplesmente a "partnership" com a Fretilin na CNT? Se existem membros da UDT organizados como estrutura no interior, a participação no CNRM (ou CNRT) não seria muito dificil de se concretizar no terreno. Porque razão a UDT ainda não saltou o trampolim da CNT para o CNRM (ou CNRT), e estar assim dentro das estruturas da luta politico-militar pela libertação da Patria? A lógica e a razão de ser da existencia da CNT, era exactamente a existência de uma luta no interior. A razão de ser de uma "resistência no exterior" encontra-se na presença no interior de uma força organizada que se faz sentir militar e politicamente.

3. A UDT foi convidada para integrar o CNT e ela aceitou. Assim sendo, porquê as reticências e as resistências políticas para com uma estrutura que é genuinamente a síntese da experiência política que nasceu do sofrimento inaudito do Povo Timorense ao longo destes vinte anos? Essa estrutura da luta do Povo na sua totalidade, em Timor Leste chama-se CNRM (ou CNRT), e é resultado dum processo sócio-político que teve lugar em Timor Leste. Lutar pela independencia nacional do Povo de Timor Leste, significa neste momento concreto integrar as estruturas do genuino CNRM, tal como é posto em pratica em Timor Leste: todos os Timorenses, da Fretilin, das Falintil, da UDT e de todas as forcas sociais independentes, e todos os que se identificam nos ideais da independencia nacional tem um lugar no CNRM (ou CNRT).

4. Neste momento, não há estrutura mais satisfatória do que o CNRM, enquanto plataforma que congrega todas as forças sociais e políticas. A sua Frente Externa poderá chamar-se CNRM-Frente Diplomatica ou CEL/FD ou CCFD; o objectivo é congregar os Timorenses em torno dos objectivos nacionais que - seja dito - definem-se no interior, e não no exterior. A inversão dos vectores fundamentais de definição política acarreta problemas de princípio (e não so!).

5. É este problema o problema fundamental da UDT, que só a UDT poderá definir e clarificar. Aceitar o CNRM (ou CNRT) implica aceitar XG, como homem, como Líder militar e político. Não se pode dizer que se aceita o Cmdte XG como "Lider máximo do CNRM mas não é Líder da Resistência", como o relatorio diz que foi dito pelo Eng.o João Carrascalão. Isso é uma crassa contradição interna. O CNRM é a Resistencia nacional Timorense, e nela estão enfileirados todos os Timorenses nacionalistas. E por isso o "CNRM" da versão diplomática do RH no exterior é um grande problema político-diplomático porque não reflecte o movimento nacionalista e as suas estruturas nacionais.

6. XG foi quem preconizou a politica da Unidade Nacional. Hoje ele é um prisioneiro politico, que continua a lutar pela causa nacional da libertação total do Povo de Timor Leste. XG incarnou destemidamente o Asswain Timorense de sempre, que enfrenta o

colonialismo indonésio, nas matas e nas aldeias de Timor Leste, até à sua prisão, onde continua a combater pela liberdade.
XG é um homem que se entregou totalmente pela causa da libertação nacional e que que viveu a luta nas suas facetas mais duras e exigentes. XG reorganizou a Resistencia física, moral, militar, social, política e diplomática, e diremos mesmo, religiosa. Nas fileiras dos combatentes das Falintil, foi um irmão mais velho, um companheiro e um chefe, pelo qual os seus companheiros combatentes estavam dispostos a morrer. Eles ficaram irmanados na luta, no sofrimento, no sangue, na vida e na morte. Essa é a verdade, nua e crua. XG é o herói nacional Timorense. Será necessário ter invejas políticas? Não.

7. XG simplesmente cumpriu uma missão, como está cumprindo a mesma missão, hoje atrás das grades de uma prisão numa terra estranha que não é sua, longe dos seus mais queridos companheiros, que são os guerrilheiros das matas de Timor Leste que continuam a alimentar o ideal da liberdade, o ideal de sermos dignificados, como povo e como nação, e que vivem e morrem lutando com dignidade. Hoje XG continua a ser fonte de inspiração para a Resistência no seu todo, em todas as suas dimensões. Não foi o XG que pediu para ser Símbolo ou Líder Supremo, ou Líder Máximo ou Presidente. Não andou na demanda de títulos conferidos.

8. Os "títulos" que "recebe" foram-lhe reconhecidos por outros: esses "títulos" que diversas sensibilidades, tanto nacionais Timorenses como estrangeiras, lhe outorgaram, são o modo de se reconhecer no XG a representatividade suprema - ser reconhecido o Líder de um Povo - e que lhe advem directamente do campo da batalha político-militar que continua a travar: o Cmdte XG não é um fugitivo ou um desertor. Não respeitar os desejos profundos de um Povo - que o fizeram Líder e Simbolo - é actuar politicamente, praticamente e simbólicamente contra o Povo que produziu esse símbolo e essa realidade política que se chama XG. Todo o simbolo é sempre e profundamente político: não há símbolo que foi criado para ser arrumado na casa do pó. Não se pode aceitar o simbólico e rejeitar o político. O próprio símbolo "reproduz-se" por si mesmo e gera forças politicas intrínsecas.

IV. A UDT no CNRM: SIM ou NAO?

1. Compete à UDT definir as suas posições em relação ao CNRM (ou CNRT). A população sofre e morre em Timor Leste, e o que interessa é coordenar esforços para uma solução do problema, se é que existe moral política e sentido de responsabilidade para com os destinos desta terra e deste povo.

2. Pela natureza própria do CNRM, a UDT está implicitamente convidada a integrar o CNRM: segundo a lógica histórica e política, nunca se deveria pôr em questão a pessoa do nosso Cmdte XG - e obviamente exigir isto não é criar um mito. Neste momento crucial do processo politico Timorense, o Cmdte XG é óbvia e inequívocamente imprescindível. Estará a UDT preparada para assumir as suas obrigações nacionais?

3. Lutamos pela igualdade de todos os partidos diante da luta nacionalista de Timor Leste. Mas interesses meramente partidários e pessoais não podem, de modo nenhum, sobrepôr-se ao ideal nacional, que neste momento é representado pelo CNRM (ou CNRT) e pelo Cmdte XG, que unificam todos os nacionalistas Timorenses (CDF, Falintil, CNT e Independentes). Queremos um futuro democrático, e futuro democrático significa colocar os interesses do Povo Timorense acima de tudo. Trata-se de salvar Timor Leste, trata-se de salvar o Povo Timorense. Os verdadeiros nacionalistas sacrificam tudo por Timor Leste e pelo Povo Timorense, até a própria vida!

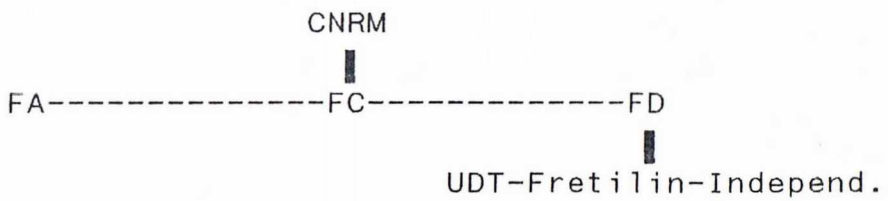
4. Acreditamos na clarividência política dos líderes da UDT no exterior. E tempo de se tomarem posições claras quanto a sua participação no CNRM (ou CNRT), o seu relacionamento com XG, Líder e Simbolo da luta nacionalista do Povo Timorense.

5. Acreditamos num futuro democrático, a ser também construido pela UDT, se esta se inserir no processo com humildade e com coragem. Por isso todos deveriam unir-se em torno daqueles que provaram e comprovaram a sua fidelidade máxima aos objectivos da luta de um Povo, e que pagaram e pagam na sua carne o preço da liberdade, na luta, no sofrimento, na clandestinidade e na prisão.

CONCLUSAO

1. Parece-nos que os sete pontos-proposta da carta anterior continuam empíricamente validos. Propomos a reorganização do "CNRM", que infeliz e absurdamente produziu o CCFD, que, mais do que remediar o problema, criou outro.

2. A CCFD ("CNRM", Fretilin e UDT) deveria ser reajustada através da eliminação estrutural do "CNRM", para ela se metamorfosear em Frente diplomática do CNRM (Fretilin, UDT e Independentes).



3. A nova CNRM-Frente Diplomatica (ou CEL/FD) deveria re-examinar o Plano de Paz de Abril de 1992 e submetê-lo à apreciacao do Cmd.te XG e levada em seguida a ONU, após consultas com Portugal. As antigas propostas para negociações sem pré-condições com a Indonésia continuam empíricamente válidas.

4. Num documento datado de 10.01.94, RH escrevia: "Muita coisa pode acontecer até Maio de 1994. Poderás ser liberto (referia-se ao Cmdte XG) e estar presente em Genebra" para um encontro entre o "SG e a Resistência". Não estamos de acordo com esse programa político que pretende fazer do Cmdte XG um diplomata ambulante. Sim, "Free Xanana, Free East Timor", mas não para XG sair para Genebra e fazer-se um "diplomata qualquer". Xanana nas prisões do governo colonial de Jacarta, é um espinho na consciência indonésia e internacional: Suharto tera de se sentar com XG. Se alguma dignidade resta à Frente Diplomática, ela deverá batalhar por representar dignamente, tanto o Povo Timorense como o Cmdte XG. Nas condições de luta actuais, libertar o Cmdte XG,

sair da prisão, e, se isso fosse contemplado, sair para o exterior, seria "banalizá-lo" como um "diplomata comum": os Indonésios rejubilarão!

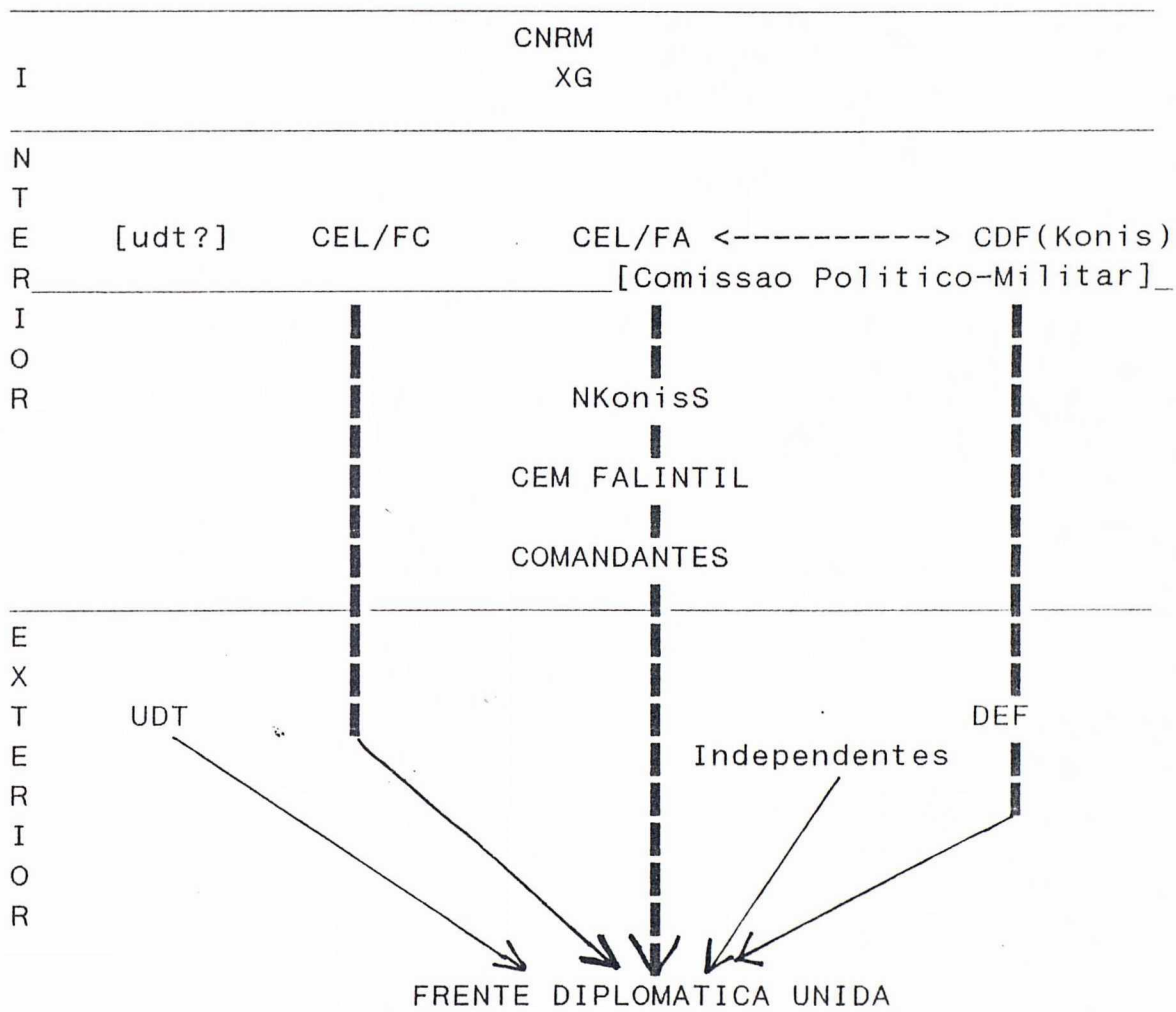
5. Talvez possa vir a ser necessário reorganizar as estruturas formais da Frente Clandestina em Timor Leste. Esta continua a ser um serviço patriótico clandestino abnegado nas montanhas e nas vilas da Pátria ocupada, como sempre foi antes de Abril de 1992. O recente "desaparecimento misterioso" do Sabalae, deveria fazer pensar sériamente nos problemas da clandestinidade.

Em última analise, na batalha diplomatica actual, com os mecanismos precários de que dispõe, a Resistência é intrínsecamente impotente para dinamizar a diáspora Timorense e fazê-la convergir para a unidade, a eficiência e a eficácia no trabalho diplomático. A coluna vertebral da Resistência Diplomatica não pode ser a solidariedade, mas todos os Timorenses unidos, no Interior e na Diáspora. Por isso, XG poderia intervir para garantir o sucesso e a eficácia do processo de reorganização, através de um mandato que vinculasse os participantes dessa reorganização da Frente Diplomática à Política de Unidade nacional. Trata-se de trabalhar numa estrutura democrática, para que se consigam maiores vantagens diplomáticas. A Fretilin e a UDT e os Independentes deveriam naturalmente ser os participantes dessa Reorganização: mas a reorganização passa necessáriamente pela abolição de estruturas sobrepostas e baralhadas.

O chefe da Frente Diplomática (unida) da Resistência Timorense (representa o CNRM, e portanto torna desnecessário um Representante Especial do CNRM), poderia ser tambem Representante Pessoal de XG. Se é que se vai optar pela reorganização.

Apelamos aos membros da Frente Diplomática para não explorarem as boas intenções dos membros das Falintil e da Frente Clandestina, e para não trair as esperanças do Povo Timorense que luta, sofre e morre em Timor Leste. É tempo de realizar a Política da Unidade Nacional. O povo acredita nos seus representantes diplomáticos: mas estes não devem manipular a confiança do Povo em favor de interesses pessoais, políticos e económicos.

Para representar gráficamente a nossa proposta de mudanças, apresentamos o seguinte organograma:



Este esquema visa esclarecer que o CNRM é um conselho em que participam várias formações sociais e politicas unidas no mesmo objectivo de libertar a Pátria. O CNRM baseado no interior é representado no exterior por uma representação diplomática unida. O Cmdte XG é o Lider Máximo do CNRM, que engloba todas as componentes da Resistência; o NKS tem duas posições politico-militares, como Cmdte-em-Chefe no terreno (apartidário), e como Secretário do CDF (Fretilin).

E impossivel nao citar RH: "A élite timorense que vier a governar o Timor Leste livre e independente terá de se inspirar na humildade e honestidade, tolerância e humanismo, esforçando-se sempre por governar por consenso, a maioria convidando a minoria a participar na governação do país. A inexistente cultura democrática da élite timorense não augura nada de bom para os derrotados em eleições aceitarem com civilidade e construtivamente o papel de oposição. Os vencedores das eleições terão de agir sempre com bom senso trazendo para o governo aqueles que perderam as eleições...Timor Leste resvalaria fácilmente para as guerras tribais se os seus líderes revelarem miopia política e insensibilidade, seguindo políticas de discriminação contra a oposição ou um ou outro grupo étnico".

Em suas mãos, Caríssimo Irmão e respeitado Líder Maximo da Resistência Nacional Maubere, depositamos este trabalho de informação critica, como um contributo para a nossa luta. De si depende todo o (futuro) processo do (sempre) projectado (!) reajustamento da Frente Diplomática do CNRM. Mais uma vez, isto é (simplesmente) uma proposta, um contributo de Timorenses que somos, para o bem da luta.

Com os nossos melhores cumprimentos,

AMD

MO-LRN